

Império nos anos 1980, no quintal de sua casa no bairro paulistano da Bela Vista

ARTES VISUAIS

Mergulho no popular

Exposição e ressurgimento de projeto para o Carnaval paulistano chamam a atenção para a obra de Flávio Império

PAULA CARVALHO

FOTO MÁRCIA REBELLO/SITE FLÁVIO IMPÉRIO (FLAVIOIMPERIO.COM.BR)

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde foi professor entre 1962 e 1977, Flávio Império (1935-1985) tornou-se um dos nomes mais importantes da cenografia brasileira, pintou quadros e trabalhou em espetáculos com figuras emblemáticas da cena nacional, como a cantora Maria Bethânia e o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa (1937-2023). Prevista para maio, uma exposição no prédio da Pinacoteca Estação, no centro da capital paulista, pretende percorrer o legado do multifacetado Império, cuja morte completa 40 anos em 2025.

“Ele é um dos personagens centrais para se compreender a cultura brasileira entre as décadas de 1960 e 1980”, afirma Yuri Quevedo, curador da Pinacoteca do Estado de São Paulo e responsável pela mostra. A retrospectiva deve reunir cerca de 300 itens, como desenhos de figurinos e três documentários em super-8 dirigidos por Império. É o caso de *Colhe, carda, fia, urde e tece* (1976), em que retrata o passo a passo da tecelagem manual no Triângulo Mineiro. “Nossa ideia é mostrar como Império olhou de forma recorrente para a cultura popular ao longo de sua carreira”, prossegue Quevedo, que é professor de história da arte na Faculdade de Arquitetura da Escola da Cidade (SP).

Um dos exemplos do apreço do artista, arquiteto, cenógrafo e figurinista pela temática é seu projeto cenográfico para o desfile do Carnaval de São Paulo de 1984. A documentação com assinatura de Império foi encontrada em 2023 pela arquiteta Angelina Gauna, da SPTuris, a empresa de turismo da prefeitura paulistana. O achado se deu na mudança do acervo histórico da instituição para o Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHM-SP).

Na época em que Império desenhou o projeto, os desfiles das escolas de samba aconteciam no centro paulistano. “Todo ano a estrutura do Carnaval era construída e desmontada logo em seguida na avenida Tiradentes. No ano seguinte, repetia-se esse processo”, explica o arquivista Sátiro Nunes, coordenador da equipe do acervo permanente do AHM-SP. “Por isso, era preciso fazer projetos que contemplassem quesitos como arquitetura, cenografia e sinalização”, acrescenta Gauna.

Para se adequar ao local e ao orçamento disponível, o projeto de Império valeu-se da mesma estrutura metálica das arquibancadas, com nove pórticos interligados ao longo de 800 metros de extensão. Sobre a avenida, nos pórticos de 17 metros de altura, foi colocada uma série de flores (vermelhas, laranja e amarelas) e lâmpadas coloridas (brancas, amarelas e vermelhas). No período diurno, o desenho era definido pelas decorações florais, enquanto à noite, as formas seriam delineadas pelas luzes. “O projeto homenageia as festas populares brasileiras, mas é pautado pela sutileza para não interferir na apresentação das escolas de samba”, diz Nunes.

O croqui registra uma novidade em seu currículo. “Ele nunca tinha produzido nada ligado ao Carnaval e fez o projeto a convite do artista visual Cláudio Tozzi [responsável por desenhar o logotipo vencedor da festa de 1984]”, relata a diretora de arte Vera Hamburger, sobrinha de Império e uma das responsáveis pelo acervo on-line do artista,

ao lado do curador Jacopo Crivelli Visconti e do arquiteto Humberto Pio Guimarães.

O site, que existe desde 2015, é uma iniciativa da Sociedade Cultural Flávio Império. Ela foi criada em 1987 por familiares, amigos, parceiros e antigos alunos, como o arquiteto Paulo Mendes da Rocha (1928-2021), na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo (IAB-SP). Coordenada nos primórdios pela irmã, Amélia Império Hamburger (1932-2011), que foi professora do Instituto de Física da USP, a entidade busca disponibilizar o extenso acervo de documentos reunidos pelo próprio artista. O catálogo físico, formado por mais de 22 mil itens, encontra-se atualmente sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP.

Uma das frentes do acervo digital está ligada à atuação de Império nas artes cênicas. Sua estreia profissional nessa seara se deu em *Morte e vida severina*, adaptação do poema de João Cabral de Melo Neto (1920-1999) pela companhia Cacilda Becker, de São Paulo. Para o espetáculo, que entrou em cartaz em 1960, criou cenografia e figurino. “Ele projetou no palco fotografias de retirantes e tabelas com dados da desigualdade social brasileira. Foi uma inovação”, relata o arquiteto Rogério Marcondes, autor da tese de doutorado “Flávio Império, arquitetura e teatro 1960-1977: As relações interdisciplinares”, defendida em 2017 na FAU-USP. “Porém a revolução cenográfica de Império aconteceu por meio de suas parcerias com o Teatro de Arena e o Teatro Oficina.”

Para o primeiro, trabalhou em *Arena conta Zumbi* (1965), dos dramaturgos Augusto Boal (1931-2009) e Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006). A peça narra a trajetória de Zumbi (?-1695), um dos líderes do quilombo dos Palmares, refúgio de escravizados nos séculos XVII e XVIII na então capitania de Pernambuco. Em cena, nove atores se revezavam para fazer os papéis de nobres, escravizados e soldados. “Ele vestiu os atores com camisas coloridas e calças jeans brancas, compradas em uma loja da rua Augusta, para aproximar a história de Zumbi do tempo presente”, prossegue Marcondes.

Império assinou a cenografia e o figurino de outro marco da dramaturgia brasileira: a peça *Roda viva*, escrita por Chico Buarque. Com direção de Martinez Corrêa, a montagem do Teatro Oficina foi encenada em 1968 no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre. “O figurino baseava-se naquela malha usada tradicionalmente por bailarinos para transmitir a ideia de androginia. Ele também criou uma passarela que saía do palco e ia até a plateia, que os atores percorriam e interagiam com o pú-

Cena de *Morte e vida severina* (1960), com cenografia e figurinos de Império





Figurinos da montagem do Teatro Oficina para a peça *Roda viva* (1968)

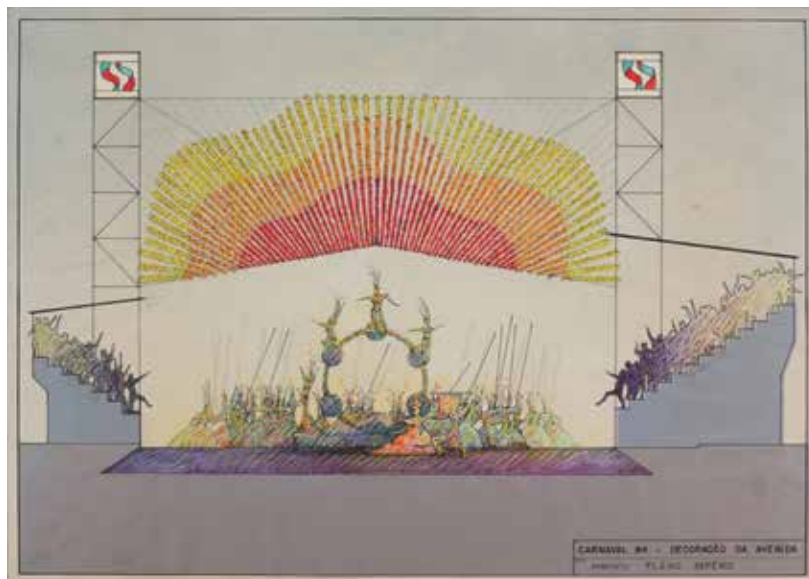
blico”, conta Marcondes. “E, na parte final do espetáculo, o elenco trazia à cena um fígado de boi de verdade, cujo sangue respingava na audiência.”

Em seu trabalho arquitetônico, Império fez parte do grupo Arquitetura Nova, ao lado dos arquitetos Rodrigo Lefèvre (1938-1984) e Sérgio Ferro. A parceria começou na FAU, em 1961, e logo os três colegas dividiram um escritório no centro de São Paulo, que funcionou até 1968. Cerca de dois anos mais tarde, Lefèvre e Ferro foram presos pelo regime militar.

“A autoria dos projetos era vista como uma prática coletiva construída ao longo de uma intensa convivência e troca de ideias, inclusive com os engenheiros e operários nos canteiros de obra”, diz a arquiteta Ana Paula Koury, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e da Universidade São Judas, em São Paulo. “Eles utilizavam materiais baratos, como blocos de concreto, e dispensavam revestimento com o intuito de evidenciar os processos de trabalho na construção”, acrescenta a pesquisadora, autora de um livro sobre o grupo, lançado em 2003, pela Edusp.

Segundo o arquiteto Felipe Contier, da UPM, o único trabalho individual de Império na arquitetura que foi de fato construído é a residência Simão Fausto (1961). “Esse projeto, executado em Ubatuba [SP], traz inovações como um jardim sobre a cobertura de abóbadas de tijolo. Era uma solução experimental que, além de melhorar o isolamento térmico, celebrava o trabalho artesanal e favorecia a integração na paisagem”, explica Contier.

A influência da arquitetura marca também a atuação de Império nas artes plásticas, como a série *Construções*, da década de 1980. Além de telas, ele fez gravuras, colagens, instalações e objetos. “Império foi um intérprete da vida cotidiana. Seu trabalho nas artes visuais é um esforço de compreender como as pessoas viviam e as soluções que encontravam em meio à precariedade



e ao subdesenvolvimento do nosso país”, analisa Quevedo, da Escola da Cidade e autor da dissertação de mestrado “Entre marchadeiras, mãos e mangarás: Flávio Império e as artes plásticas”, defendida em 2019 na FAU-USP.

O título da pesquisa faz referência à obra *A marchadeira das famílias bem pensantes* (1965), uma das pinturas mais conhecidas do artista. Nela, critica a Marcha da família com Deus pela liberdade, de março de 1964, manifestação contra o governo do presidente João Goulart (1919-1976), que seria derrubado pelo golpe militar. “Nos anos 1970, Império passou a se dedicar cada vez mais à pintura, atividade que praticava desde a infância. Ainda que tenha abordado temas claramente políticos nos seus desenhos, foi nas artes visuais que ele criou um espaço de reflexão mais íntimo”, conclui Quevedo. ●

Desenho que integra projeto para o Carnaval paulistano de 1984

O capítulo de livro e os artigos científicos consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.